

OS OPERÁRIOS DA PALAVRA

X Y

José Alexandre Gomes Marino

Escola de Belas Artes

QUEIRAM OU NÃO QUEIRAM, SENHORES:

a palavra ainda germina
seja do silêncio ou da vergonha
e infesta o ar padronizado
como câncer que não se elimina

queiram ou não, senhores,
a palavra salta da garganta
como punhal sedento
que num momento de surpresa
se crava, explode e sangra

a palavra
é a água do riacho e as lavadeiras
e também as roupas
com todos fedores
e manchas costumeiras

cada homem que nasce
é uma semente vingando
é um silêncio morrendo
é a palavra que brota
em sílabas de liberdade

(cada homem que morre
é um poeta partindo
e ficando)

e se pecamos de dor
ou se falamos de raiva
em cada encontro na esquina
com um mendigo prostrado
ou ao deparar uma carta sem data
no bolso de um indigente
em que se fale de amor ou fome

sinta-se
a força de uma palavra

a palavra
é a revolta do motorista
sempre que o atropela
a fome do outro dia

é a frustração do pedreiro
por não saber construir
o mundo que tinha sonhado

e quando se solta a fala
os homens se tomam nos braços
e unidos empunham e amam
ferramentas e armas

pois a palavra
avança contra o crime
e decide o que vai nas ruas
e se levanta e contesta
se preciso, rompe a fresta
se preciso, ama e sua.

e se do operário
cada gota de suor vale um salário
vamos amassar palavras e cimento
e construir sobre a terra virgem
um imenso vocabulário

cada homem
produz com o sangue das veias
uma mistura de óleo e tinta
cal e areia
para que menos lhe falte
e a fome se cale
a cada gesto do centeio

cada poeta
produz com o sangue da pena
uma mistura de suor e tinta
dor e poema
para que menos se cale
e o silêncio se evite
a cada verso certo

A PALAVRA É ARGILA SELVAGEM
que se molda em gesso e barro
ferro e aço
sangue e luta
em grandes barras de vida

E O HOMEM É ANIMAL DE CARGA
como o boi de arado
ou a mula oleira
de cujos passos se constrói o mundo
mesmo que ela ande em círculos
pela vida inteira.